
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

EDITORIAL

Angela Lamas Rodrigues (UEL)
e Anahí Gabriela González (UNSJ-CONICET)

Pensar a vulnerabilidade como abertura para o afeto e sua relação com a resistência dos animais não humanos: este o desafio do presente número. Ou seja, afastar-se da noção de vulnerabilidade enquanto debilidade, dependência e incapacidade e pensá-la como potência. Segundo Erinn Gilson, a vulnerabilidade consiste em “uma disposição ética, uma experiência complexa e ambígua, e uma condição multifacetada”¹ (2014: 9). Em resumo, a vulnerabilidade é compreendida “como abertura à toda experiência, negativa, positiva e ambígua”² (Gilson 2014: 24). Embora a autora discuta a vulnerabilidade como atributo da “condição humana” (Gilson 2014: 15), sabe-se que é característica essencial de todos os seres vivos. O mesmo pode-se dizer da resistência. Os animais não humanos resistem à violência de múltiplas formas. Em realidade, pode-se dizer que, sempre que sua vulnerabilidade está sob ataque – à exceção de casos em que se encontrem excessivamente abatidos ou acuados – os outros animais, assim como os animais humanos – resistem, como estipula Jason Hribal: “ao transgredirem limites, escaparem de seus confinamentos e lutarem contra os seus opressores, os animais não humanos demonstram intencionalidade e resistência”³ (Colling, Parson & Arrigoni 2014: 65). Ainda, segundo os autores:

Eles fogem de laboratórios e jaulas de zoológicos, revidam contra seus treinadores e escapam de caminhões de transporte e matadouros. Em alguns casos, centenas de animais escapam juntos, como aconteceu com um grupo de cem macacos rhesus que fugiram de um laboratório (Hribal 2010: 96), mais de mil tartarugas que escaparam de uma fazenda de criação (“Turtle Escape” 2012), ou centenas de búfalos que fugiram de uma fazenda de produção de “carne” (Pfeiffer 2012)⁴. (Colling, Parson & Arrigoni 2014: 65)

1 “an ethical disposition, a complex and ambiguous experience, and a multifaceted condition.”

2 “an opening to all experience, negative, positive, and ambiguous.”

3 “in transgressing boundaries and escaping their confinement and fighting back against oppressors, nonhuman animals demonstrate intentionality and resistance”

4 “They break out of laboratories and zoo enclosures, bash back against their trainers, and escape from transport trucks and slaughterhouses. In some cases, several hundred animals will escape toge-

Entender a vulnerabilidade e a resistência como atributos de todos os animais é, efetivamente, uma forma de superação do humanismo antropocentrista, cujas premissas são, de acordo com Weitzenfeld e Joy, o “excepcionalismo humano, a perfeição e a dignidade”⁵ (2014: 5-6). Como pontuam os autores, pela via do humanismo antropocentrista, “todos os não humanos são vistos pelo seu mero estar no mundo, atados pela lei natural. Por conseguinte, não possuem dignidade que possa ser violada e, assim, recebem pouca ou nenhuma consideração moral”⁶ (Weitzenfeld e Joy 2014: 6). A zooliteratura e a crítica literária voltada à representação dos animais não humanos constituem um terreno de subversão dessa lógica humanista. Neste sentido, enfatizam a intersecção entre diferentes formas de violência e diferentes atores, num exercício de superação da dicotomia humano-animal e do pressuposto hierárquico eurocêntrico.

Os textos contidos neste número discutem a vulnerabilidade ontológica e enfatizam a patogenia das relações entre animais humanos e outros viventes animais, ao mesmo tempo em que apontam para caminhos de resistência contra a violação dos corpos. A vulnerabilidade patogênica, ou seja, aquela que nasce das relações de opressão e exploração, é revelada nos corpos torturados, assujeitados e assassinados, como se vê na poesia de Drummond (Guida e Melo) e na leitura do romance de Ana Paula Maia (Barros). Este último texto abre espaço para uma reflexão acerca das lutas anti-capitalista e anti-especista e dialoga, portanto, com a análise de *O sofá estampado* (Bortoletto e Libanori), em que a opressão figura na pobreza social e na miséria da vida para além do humano. A intersecção entre diferentes formas de violência aparece, também, nas análises de *Sobre os ossos dos mortos* (Rodrigues e González) e *Contos Gauchescos* (Copstein), que reforçam a relação entre modos de opressão como o especismo, o capacitismo e o sexismo. Por fim, o questionamento do sujeito nos textos de Arce, Alkmin, Gonçalves, Melo, Costa e Guimarães revê o lugar da animalidade e possibilita um entendimento da vulnerabilidade ontológica como aquela que propicia o encontro entre corpos marcados pela força da insurreição.

Em última análise, este número se insere no rol das produções teóricas que se opõem ao especismo. Como afirmam Matsuoka & Sorenson, “o especismo não se refere simplesmente às relações humanas com outros animais, mas consiste em práticas cotidianas, social, política, econômica e culturalmente construídas, e um corpo de conhecimento que serve de apoio a tais relações”⁷ (2018: 1). A violência sacrificial que está na base das relações especistas é o tema que, fundamentalmente, une os artigos neste volume. Neste contexto, vulnerabilidade e resistência são lidas como possibilidades de subversão da lógica especista.

ther, whether a group of one hundred rhesus monkeys who broke out of a laboratory (Hribal, 2010, p. 96), more than a thousand turtles who escaped from a turtle farm (“Turtles Escape”, 2012), or hundreds of buffalo who fled from a “meat” farm (Pfeiffer, 2012)”

5 “human exceptionalism, self-determination, and dignity”.

6 “all nonhuman beings are regarded as merely in the world, bound by natural law. As a result, non-humans have no dignity to violate, and thus are owed little to no direct moral consideration”.

7 “Speciesism does not refer simply to human relationships with other animals, but means socially, politically, economically, and culturally constructed everyday practices and a body of knowledge that supports such relationships”

OBRAS CITADAS

COLLING, Sarat. *Animal resistance in the global capitalist era*. East Lansing: Michigan State U P, 2021.

COLLING, Sarat, Sean Parson & Alessandro Arrigoni. *Until all are free: total liberation through revolutionary decolonization, groundless solidarity, and a relationship framework*. *Counterpoints: Studies in Criticality*, Bristol, 448, p. 51-73, 2014.

GILSON, Erinn C. *The ethics of vulnerability: a feminist analysis of social life and practice*. New York: Routledge, 2014.

MATSUOKA, Atsuko & John Sorenson, orgs. *Critical animal studies: towards trans-species social justice*. London: Rowman & Littlefield, 2018.

WEITZENFELD, Adam & Melanie Joy. An overview of anthropocentrism, humanism, and speciesism in critical animal theory. Anthony Nocella II et al, orgs. *Defining critical animal studies: an intersectional social justice approach for liberation*. New York: Peter Lang, 2014. p. 3-27.